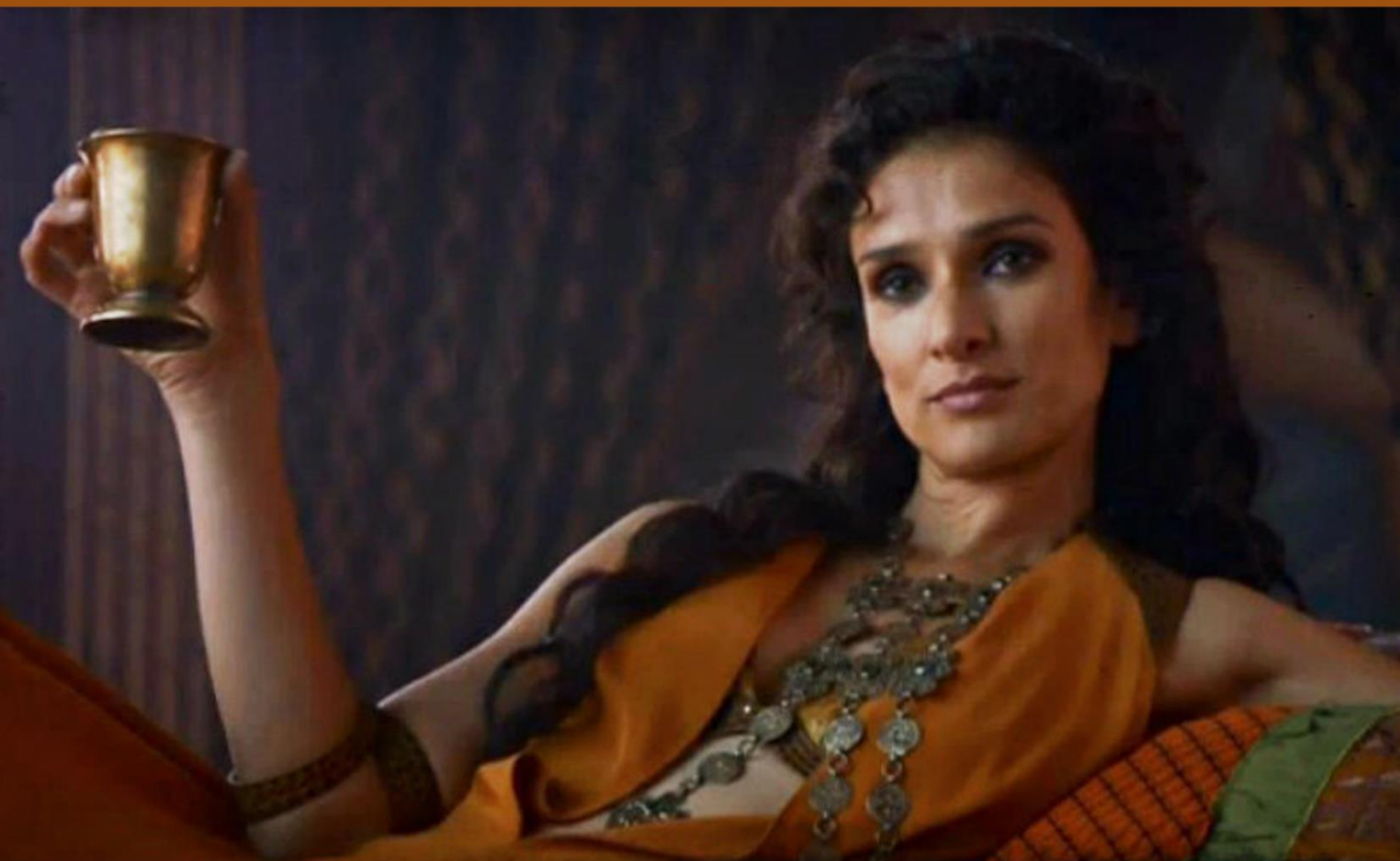


A IDEOLOGIA DAS ÁGUAS BASTARDAS



MAURÍCIO WALDMAN



EDITORA KOTEV
SÉRIE RECURSOS HÍDRICOS 2

A IDEOLOGIA DAS ÁGUAS BASTARDAS ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

Reconhecidamente, o debate sobre sistemas de dominação é marcado por um claro predomínio de matrizes teóricas oriundas da geografia, história, sociologia e ciência política, fato patente nas análises da ideologia.

Contudo, sendo o autor deste texto um antropólogo que agrega a essa condição a de ser um pesquisador que no corpo das análises que desenvolve seguidamente adota o espaço, o tempo e a materialidade social enquanto estacas de compreensão, seria meritório anotar o quanto as lacunas referentes aos *motes culturais da dominação* são notórias e recorrentes.

No entendimento deste texto, esta omissão seria das que fragilizam avaliações mais amplas e profundas das relações de poder, que recidivamente recorrem à dimensão do cultural para tornar efetivo o exercício do mando e da submissão.

Neste sentido, temos que as intercorrências culturais, como resposta às demandas do exercício da autoridade, impõem que as análises sobre a ideologia não se detenham num saber antropológico genérico e abstrato, mas de modo mais preciso, acatem como eixo uma *antropologia política*.

Tal como sabiamente sentenciou o antropólogo francês Georges Balandier, a volição do poder não se circunscreve à apropriação do espaço, às desigualdades econômicas, sujeição de povos, grupos étnicos e/ou sociais.

Em igual medida, a hegemonia é também substantivada pela manipulação de signos, símbolos, significados e padrões de percepcionamento, alçados, pois à condição de instrumentos voltados ao domínio do homem pelo homem.

Nesta declinação, os fatos do poder, para além de pressuporem a subordinação do espaço, a ordenação do tempo, a irrupção de clivagens econômicas, dessimetrias políticas e a estratificação dos enquadramentos sociais, enveredam fortemente na modelagem da esfera cultural.

No plano da percepção, esta propensão nunca se distancia de um léxico excludente, empossado de averbações contraditórias quanto ao relacionamento com a dimensão do natural, por meio do qual são firmados os calços ontológicos legitimadores de uma arquitetura ideológica que se impõe a povos, grupos e nações.

Assim, as prefigurações culturais podem se tornar requisito poderoso a pavimentar codificações discriminatórias, nas quais auferem legitimidade heterogêneo conjunto de fabulações, que comumente remetem a hierarquias biológicas e de fundo racial.

Neste recorte se inscrevem extenso repertório de ideologias imputando ao natural as mazelas da inferioridade racial inata, empapadas por regimes de estereotípias que gravam, como é tema declarado deste artigo, a percepção cultural da água, ou com mais precisão, das águas com fluxo copioso e abundante.

Dentre tais ideações figuram teorizações hoje pouco lembradas, dentre as quais as relativas à noção de inferioridade racial a estigmatizar os euro-americanos, vale dizer, as populações brancas instaladas no solo do novo continente.

No que poderia parecer surpreendente, estas teorias postulavam que a população de ascendência europeia fixada nas Américas havia se tornado alvo de um processo de *abastardamento biológico* induzido por nefastas influências ambientais presentes nas terras de além-mar.

Carimbada de modo mais eloquente como *tese da degenerescência americana*, esta inquietante formulação foi fruto das especulações do naturalista francês George Louis Leclerc, ou Conde de Buffon (1707-1788).

Para este cientista, a existência na América de um grande capital hídrico, maximizado pela transpiração de prodigiosa cobertura florestal, seria vetor de exalações úmidas nocivas, origem de miasmas que afetariam psicológica, intelectual e moralmente os eurodescendentes, tolhendo-os de empreendedorismo, senso ético e inventividade.

Rubrique-se que esta “teoria hidráulica” se afirmava em crenças corriqueiras na mentalidade europeia da época quanto aos perigos oferecidos pelas paisagens naturais do Novo Mundo, fundamentando com base num determinismo geográfico uma coleção de doutrinas da inferioridade racial adquirida das pessoas que viviam em ambientes úmidos.

Isto posto, e embora Buffon nunca tenha predicado que a degeneração afetasse os europeus que se deslocaram para a América, outros pensadores, mais notoriamente o religioso francês Guilherme Thomas François Raynal, ou sinteticamente Abade Raynal (Figura 1), passaram a incluir nesta agenda os americanos brancos.

De acordo com o sisudo abade, os europeus na América não tinham como escapar da mutilação intelectual provocada pela onipresença da água no Novo Mundo. Logo, as elites brancas americanas não teriam como prosperar intelectual e economicamente, sendo por tabela, incapazes de autodeterminação.

Sendo assim, nas Américas coexistiriam grupos classificados como intrinsecamente inferiores - indígenas, negros e mestiços de todos os tipos -, lado a lado com segmentos tornados racialmente abastardados pela inclemência dum ambiente marcado pela fartura de rios e intensa pluviometria, no caso, os eurodescendentes.

Curiosamente, interessa anotar que este “imaginário ecológico” é desdobramento direto e contraditório da vetorialização típica da inculturação hegemônica do Ocidente, cujo nexo fundante repousa no prestígio da esfera do racional e da contradição com a natureza.

Sublinhe-se que esta ideação foi a que expurgou, por meio da artificialização do espaço e do tempo, tudo o que não condizia com a autoimagem cultivada pelo Ocidente, que apaixonadamente atribuía ao imaginário tradicional, percepções do real estranhas aos pressupostos tidos como matriciais para um olhar ocidental.

Com base nesta estigmatização do mundo da tradição, em primeiríssimo lugar a ciência ocidental demoliu em solo europeu todo o percepçionamento espacial do medievo, eivado por conotações que passaram a ser catalogadas como arcaicas, ingênuas e supersticiosas.

Por esta via, dentre as acepções condenadas ao ostracismo científico constavam ideações como a explicação ptolomaica do universo, com uma Terra plana alojada em seu centro; o entendimento de que Jerusalém estaria situada no centro do mundo e em decorrência disto, do próprio universo; a crença em toda sorte de bestas e animais aberrantes, importados de uma biologia fantástica e que constavam inclusive nos mapas medievais.



FIGURA 1 - Guilherme Thomas François Raynal (1713-1796), em xilogravura do ano de 1780
 (Fonte: <https://www.flickr.com/photos/internetarchivebookimages/14777190352/> . Acesso: 11-03-2017)

De mais a mais, foram do mesmo modo descartados reinos e continentes oriundos dos mitos nórdicos, celtas, eslavos e greco-romanos: Thule, Avalon, Hiperbórea, Baltia e Atlântis.

Junto com estas terras, foram abduzidas criaturas extravagantes como sátiros, serpentes marinhas, grifos, basiliscos, a ave roc, as harpias, o odradec, unicórnios, salamandras e os antílopes de seis patas.

Na esteira desta desmitologização - ou “despaganização” - das mentalidades, foram suprimidas concepções mágicas relativas aos ventos, às mares, aos vulcões, terremotos e tufões; a crença de que o espaço habitado coexistiria com o Jardim do Éden ou com nações imaginárias tais como o Reino de Prestes João.

Neste último caso, tratava-se de um país absolutamente ficcional que teimava em persistir na cartografia europeia muitos anos após a metade do Século XVI, como exemplifica o famoso Atlas confeccionado por Diogo Homem, eminente cartógrafo português, em pleno 1565.

Contudo, cedo ou tarde todos estes seres e territórios terminaram inapelavelmente empurrados para uma reserva imaginária do natural, pois passaram a ser entendidos como incompatíveis com uma diretriz racionalizante de mundo, adversária do que era julgado como mítico, emotivo e natural.

Mas, se as mitologias do mundo tradicional foram desprezadas em nome de um saber científico afeito à transformação radical da natureza e a considerações de ordem prática, crispações de ordem econômica, política e social ensejaram a gestação de uma nova *Weltanschauung* ³, tão carregada de superstições quanto os modelos de percepção das sociedades que o Ocidente destruiu e subjuguou na sua marcha implacável pela dominação global.

Deste modo, na Ibero-América o poder colonial não hesitou em apelar para o fundo não-racional que nunca fora inteiramente suprimido da mentalidade e do senso comum europeu para recriar nova ideologia de dominação, agora “cientificamente” fundamentada na aferição dos efeitos das águas abundantes na psicologia humana.

Na América Espanhola, os dominadores recorreram às quimeras hídras de Raynal para, por exemplo, justificar a subalternidade da aristocracia rural à corte madrilenha e na mesma ordem de predicções, respaldar o comando metropolitano como sendo a única opção para impedir o triunfo da selvageria e do caos.

No Brasil, embora tais objeções ideológicas não fossem comuns na estigmatização das classes dominantes locais, estas se imiscuíram com incisividade na produção intelectual brasileira na aferição do meio ambiente nacional, que como se sabe, reúne a maior reserva de água doce do mundo.

Objeções com esta índole são mais do que evidentes, por exemplo, na obra do ensaísta Clodomiro Vianna Moog, para quem as águas fartas do Rio Amazonas constituiriam um problema em si, tornado mais grave em razão do fluxo fluvial “correr errado”.

Isto é: fluir totalmente ao longo do Equador, e por esta razão, acometido pela desapiedada incidência dos raios do Sol, que ao catalisarem intensa evaporação, promoviam uma nebulização maléfica, saturada dos inevitáveis miasmas debilitantes do vapor d’água.

Esta noção transparece também na famosa expressão “Inferno Verde”, título de livro da pena do engenheiro e escritor Alberto Rangel, obra carregada de óbices quanto ao ambiente amazônico, tachado como de natureza impiedosa e aquosa, dominado pela lassidão e pela maleita, esmagando os homens e expurgando a capacidade criativa, representação que gravaria por décadas a Amazônia no imaginário brasileiro, e com isso, pavimentando o avanço avassalador do que seria sua antítese: o espaço artificial e seus inevitáveis óbices ambientais (Figura 2).

Retenha-se que esta obra foi prefaciada por ninguém menos que o icônico Euclides da Cunha, intelectual que para conferir foi autor de *A Margem da História*, livro cuja narrativa está calçada numa visão da Amazônia como um “império das águas”, uma “esponja molhada” a persistentemente apagar os traços que o homem com muita dificuldade procurava agregar à natureza bruta.

Tudo isso reforça um sentimento de bastardia que a psicóloga Marina Duran, em brilhante tese de doutorado (2005), aguçadamente detecta como elemento axial e reincidente na psicologia nacional brasileira.

Enquanto tal, este recalque fragilizou a formação de uma autoimagem positivada, marcada que está com o estigma da ilegitimidade, e por extensão propensa a imitar modelos estrangeiros, incensar conceitos importados e negar os talentos naturais do país.



FIGURA 2 - Desde os anos 1970, a região amazônica tem sido alvo de investidas altamente lesivas ao meio ambiente, cuja representação mais pungente é a devastação da floresta e a alteração radical da paisagem, via de regra transformada num sucedâneo de ambiente savaneiro ou de extensões agregadas ao modelo do agronegócio (Fonte: < <https://www.indiehackers.com/@tijshensen/257cbb2692> >. 02-04-2017)

Contudo, se é verdade que cultura pode se tornar um instrumento a serviço do afazer ideológico sublinhe-se que a liberdade possui do mesmo modo uma geografia, um espaço indevassável que pulsa nos recônditos da cultura.

Que então, com toda determinação possível, façamos uma revisão do que permitiria ao *País das Muitas Águas*, tal como definiu Pero Vaz de Caminha, a trilhar um novo projeto de país, de uma nação em matrimônio sagrado consigo mesma e com suas primorosas, colossais e promissoras reservas de água.

Um passo importante para a construção de uma identidade nacional soberana, orgulhosa de suas potencialidades, que tem na positivação das águas e da natureza um marco fundamental para alicerçar novos projetos de vida.

BIBLIOGRAFIA

- BALANDIER, Georges. *Antropologia Política*. São Paulo (SP): Difusão Européia do Livro (DIFEL) e Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). 1969;
- BRANCO, Samuel Murgel. *Água: Origem, Uso e Preservação*. Coleção Polêmica, 14ª edição. São Paulo (SP): Editora Moderna. 1993;
- CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a el-rei Dom Manuel Sobre o Achamento do Brasil*. Lisboa (Portugal): coedição Imprensa Nacional e Casa da Moeda. 1974;
- CLAVAL, Paul. *Espaço e Poder*. Rio de Janeiro (RJ): Zahar Editores. 1979;
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro (RJ): Livros Técnicos e Científicos Editora (LTC). 1989;
- CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo (SP): Editora Cultrix. 1975;
- DURAN, Marina. *O Medo e os Vínculos Sociais no Brasil*. 2005. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005;
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. Coleção Debates, nº. 91. São Paulo (SP): Editora Perspectiva. 1974;
- GOUREVITCH, Aron Yakovlevich. *O Tempo como Problema de História Cultural*. In: *As Culturas e o Tempo - Estudos reunidos pela UNESCO*. Petrópolis e São Paulo (RJ-SP): coedição Editora Vozes e Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). 1975;
- MOOG, Clodomir Viana. *Bandeirantes e Pioneiros: Paralelo entre culturas*. 10ª edição. Porto Alegre e Brasília (RS-DF): Editor Globo e Instituto Nacional do Livro (Ministério da Educação e Cultura). 1973;
- RANGEL, Alberto. *Inferno Verde - Cenas e Cenários do Amazonas*. 5ª ed. Manaus (Amazonas): coedição Valer e Governo do Estado do Amazonas. 2001;
- TUAN, Yi Fu. *Topofilia - Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo (SP): Difusão Européia do Livro (DIFEL). 1990;

WALDMAN, Maurício. *Cartografias do Racismo: Arquétipos, Fantasmas e Espelhos*. Antropologia: Coleção Temas Contemporâneos, nº 2. São Paulo (SP): Editora Kotev. Texto disponível *on line* em:

< http://mw.pro.br/mw/cartografias_do_racismo_02.pdf >. 2016a;

_____. *Cartografias do Racismo: Imaginário, Espaço e Discriminação Racial*. Antropologia: Coleção Temas Contemporâneos, nº. 1. São Paulo (SP): Editora Kotev. Texto disponível *on line* em:

< http://mw.pro.br/mw/cartografias_do_racismo_01.pdf >. 2016b;

_____. *América Latina: A Independência Inacabada*. História: Coleção Educação Popular - Textos de Apoio nº. 3. São Paulo (SP): Editora Kotev. Texto disponível *on line* em: < http://mw.pro.br/mw/educacao_popular_04.pdf >. 2016c;

_____. *Hegemonia Ocidental: Processo Cultural, Histórico e Social*. História: Coleção Educação Popular - Textos de Apoio nº. 4. São Paulo (SP): Editora Kotev. Texto disponível *on line* em: < http://mw.pro.br/mw/educacao_popular_01.pdf >. 2016d;

_____. *Meio Ambiente & Antropologia*. Série Meio Ambiente, nº. 6. São Paulo (SP): Editora do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). 2006;

_____. *Metamorfoses do Espaço Imaginário: Um ensaio “topo-lógico” relativo ao universo da cultura, do espaço e do imaginário*. 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo (SP): Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. 1997.

¹ **A Ideologia das Águas Bastardas** é um artigo digital primeiramente disponibilizado pela Revista Eletrônica Contemporâneas em 23 de Abril de 2017. A presente edição deste texto foi masterizada em Julho de 2017 pela **Editores Kotev** (Kotev ©) para fins de acesso livre na Internet. Neste seguimento, **A Ideologia das Águas Bastardas** incorpora revisão ortográfica com base nas regras vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, cautelas de estilo, repaginação normativa e normatizações editoriais inerentes ao formato PDF, também permitindo consulta em aparelhos celulares. A confecção da edição digital contou com a Assistência de Editoração Eletrônica, Pareceres Técnicos e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, Contato E-mail: francesco_antonio@hotmail.com, Site: www.harddesignweb.com.br. Anote-se que **A Ideologia das Águas Bastardas** é um material gratuito, sendo vedada qualquer forma de reprodução comercial e igualmente, de divulgação sem aprovação prévia da **Editores Kotev**. A citação de **A Ideologia das Águas Bastardas** deve obrigatoriamente incorporar referências ao autor, texto e apensos editoriais conforme padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *A Ideologia das Águas Bastardas*. Série Recursos Hídricos Nº. 2. São Paulo (SP): Editores Kotev. 2018.

² **Maurício Waldman** é antropólogo, jornalista, consultor ambiental e professor universitário. Autor de 18 livros e capítulos de livros, 14 *ebooks* e de mais de 700 artigos, textos acadêmicos e pareceres de consultoria. Militante ambientalista histórico do Estado de São Paulo, Maurício Waldman somou a esta trajetória experiências institucionais na área do meio ambiente e uma carreira acadêmica diversificada, com contribuições nas vertentes da antropologia, geografia, sociologia e relações internacionais. Waldman foi colaborador de Chico Mendes, Coordenador de Meio Ambiente em São Bernardo do Campo (SP) e Chefe da Coleta Seletiva de Lixo na capital paulista. Nos anos 1990, participou no CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), em movimentos em defesa da Represa Billings no Grande ABC Paulista e em diversas entidades ecológicas, tais como a Assembléia Permanente de Entidades em Defesa da Natureza (APEDEMA) e o Comitê de Apoio aos Povos da Floresta de São Paulo. Sua Tese de Doutorado, *Água e Metrópole: Limites e Expectativas do Tempo* (USP, 2006), é um reconhecido trabalho acadêmico na área dos recursos hídricos, com foco na gestão das águas da Grande São Paulo. Em 2011, contribuiu com o texto *Waters of Metropolitan Area of São Paulo: Technical, Conceptual and Environmental Aspects, paper* com foco na gestão das águas doces na Grande São Paulo, capítulo 56 da coletânea *Sustainable Water Management in the Tropics and Subtropics: Case Studies* (Coedição Brasil-Alemanha), a maior iniciativa editorial no campo dos estudos das águas. Capítulo de livro mais recente: *Recursos Hídricos, Resíduos Sólidos e Matriz Energética: Notas conceituais, metodológicas e gestão ambiental* (UFRGS, 2016). Maurício Waldman desenvolveu dois trabalhos acadêmicos na área dos recursos hídricos: Doutorado (USP, 2006) e um Pós Doutorado (USP, 2013). Waldman é Graduado em Sociologia (USP, 1982), Licenciado em Geografia Econômica (USP, 1983), Mestre em

Antropologia (USP, 1997), Doutor em Geografia (USP, 2006), Pós Doutor em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós Doutor em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós Doutor em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015).

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br;

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>;

Verbete Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman;

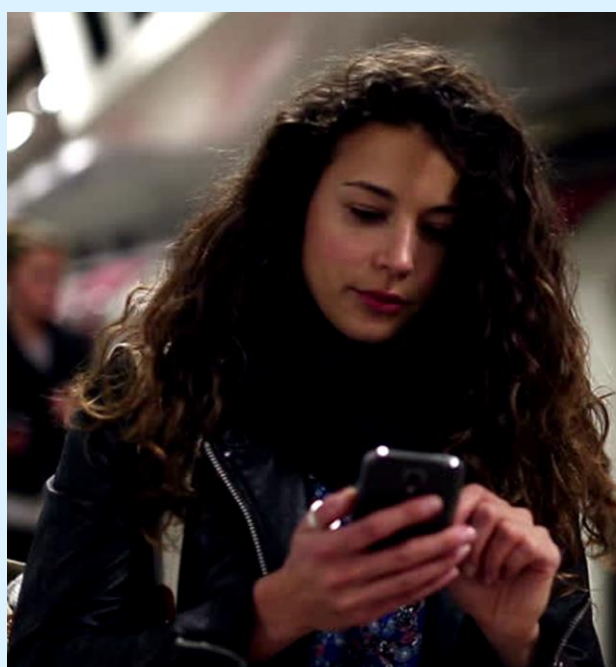
Contato E-Mail: mw@mw.pro.br.

³ O termo é um calco linguístico de origem alemã. Significa *concepção*, *cosmovisão* ou *intuição de mundo*, podendo também ser traduzida como *visão de mundo*. Em todos estes casos se refere a um quadro de ideias e crenças através dos quais indivíduos, povos, grupos e etnias interpretam o mundo e com ele interagem.

CONHEÇA A SÉRIE RECURSOS HÍDRICOS



<http://mwtextos.com.br/serie-recursos-hidricos/>

A woman with long, dark, curly hair is looking down at her smartphone. She is wearing a dark jacket. The background is blurred, showing what appears to be a modern interior space with a red pillar.

EDITORA KOTEV
Sintonizada com
o Futuro Digital



EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

SAIBA MAIS SOBRE A EDITORA KOTEV: <http://kotev.com.br/>